

LES0237 - Sociedade, Cultura e Natureza – Profº Paulo Eduardo Moruzzi Marques

Integrantes: José Lucas, Julia Kempe, Lucas Jorge, Ricardo Augusto, Thaís Cristina, Thalita Barros, Vinicius Gesualdo.

Com contribuições dos grupos e do professor

T6 - Ideologia e Cultura Moderna

O texto de John Thompson trata das transformações culturais desde o início do capitalismo. Para tal proposta, Thompson reúne um conjunto de ideias de diferentes autores acerca de mudanças culturais na sociedade, compondo, assim, a *grande narrativa da transformação cultural*. Essa narrativa é apresentada em três momentos: o início e desenvolvimento do capitalismo; o declínio de uma consciência religiosa amplamente compartilhada antes da expansão do capitalismo e; o período marcado por movimentos radicais por mudanças sociais, definido por alguns autores como a “era das ideologias”.

Durante o período inicial do desenvolvimento do capitalismo industrial, a cultura, que até então era regida por princípios religiosos e míticos, passou por um processo de secularização¹, em que a razão se sobrepõe à religião. Para Marx, esse processo pode ser associado a uma desmitificação, que ocorreria por conta do desenvolvimento do capitalismo. Weber, no entanto, apresenta uma visão diferente, embora assim como Marx, veja a existência de uma relação estreita entre o capitalismo e as transformações culturais. Para Weber, a emergência do capitalismo foi consequência das mudanças culturais. Para o autor, as mudanças no âmbito religioso constituíram um dos fatores essenciais para a ascensão do capitalismo no Ocidente.

Marx expõe com maestria a diferença entre as sociedades pré-capitalistas e aquela que surgiu com a emergência do capitalismo industrial. Enquanto as sociedades anteriores eram conservadoras, a sociedade capitalista moderna está em constante transformação, desintegrando as tradições religiosas. Para o autor, esse processo de desmistificação possibilitaria aos seres humanos ver suas relações sociais como elas realmente são. Desta forma, a humanidade estaria diante de uma nova era, associada a uma transformação iluminada da sociedade, com a consequente eliminação de classes exploradoras.

Por sua vez, Weber analisa a relação entre o surgimento do capitalismo industrial e a dissolução dos valores tradicionais com outra abordagem. Para o autor, as mudanças na esfera da cultura e da tradição não eram apenas subprodutos do desenvolvimento autônomo do capitalismo. De fato, Weber estimou que estas transformações culturais, em particular associadas à ética protestante, foram precondições para o desenvolvimento do capitalismo no Ocidente.

Não obstante, uma vez que o capitalismo industrial se estabeleceu como a forma predominante da atividade econômica nos séculos XVIII e XIX, adquiriu força própria e

¹ Secularização é o processo gradual de abandono dos preceitos culturais que se apoiam na religiosidade. Para Weber, o processo de secularização está relacionado com a construção do mundo moderno, impulsionado pelo desenvolvimento do sistema capitalista, considerando-o como “o processo de desencantamento do mundo”, no qual o homem moderno abandona costumes, crenças e tradições herdadas das religiões e/ou “magia”.

dispensou as ideias religiosas que tinham sido necessárias para seu nascimento. Dessa forma, com o advento e desenvolvimento do capitalismo, racionalizou-se a ação e o comportamento humano se adaptou a critérios de eficiência técnica de tal maneira que os elementos da tradição foram limitados pelas exigências de um cálculo racional.

Estas transformações estão associadas ao êxodo rural e à urbanização. De fato, a influência da religião e do misticismo diminui gradualmente, mas embora tenha havido este declínio do papel das igrejas cristãs em muitas sociedades industrializadas desde o século XIX, são numerosos aqueles que declaram possuir crenças religiosas de alguma espécie. Ademais, as igrejas cristãs continuam a exercer alguma influência nas questões sociais e políticas dos Estados modernos, o que varia consideravelmente de um contexto nacional para outro.

De toda maneira, este declínio da religião e do misticismo foi considerado por alguns autores como fator chave para a emergência e difusão das ideologias. Entre estes autores, um grupo (Raymond Aron, 2010; Daniel Bell, 1960; Seymour Lipset, 1959 e Edward Shils, 1958) considera que a maturidade do capitalismo promove o fim da era das ideologias. Neste caso, a ideologia é definida como doutrinas abrangentes, radicais exigindo alto grau de engajamento e ligação emocional. Para estes autores, as ideologias seriam passageiras na modernidade, estando condenadas a se dissipar na medida em que as sociedades industriais alcançassem uma maturidade econômica e política. Nesta ótica, as mudanças sociais radicais que as ideologias proporcionavam criavam novos e grandes problemas, considerando em particular a revolução comunista russa, cujo regime desmorona no fim dos anos de 1990.

De sua perspectiva, Thompson considera muito limitada esta concepção de ideologia. Este autor estima igualmente que a grande narrativa da transformação cultural apresenta grandes insuficiências, em particular por praticamente desconsiderar o papel dos meios de comunicação em massa neste processos de mudança. O autor insiste em sua obra na importância deste papel, propondo inclusive a noção de uma “mediação da cultura”.

Para desenvolver seu raciocínio, Thompson retoma diferentes sentidos atribuídos à ideologia, considerando os primórdios deste debate quando Destutt de Tracy (1754-1836) define ideologia como estudo científico das ideias, estendendo-se notadamente para o domínio social e político. Este autor tinha uma perspectiva de construir uma ciência para o estudo das ideias e sensações, a ideologia estando no primeiro plano de sua construção. Porém, Napoleão (1769- 1821) em contexto de expansão territorial e militar, associa ideologia aos seus inimigos internos. Procurando silenciar a oposição ao regime, este personagem define ideologia como sendo uma doutrina ilusória e distante da realidade. A partir de Napoleão, emerge uma visão negativa e crítica de ideologia, que orientará Marx (1818-1883), autor que define ideologia em dois tipos de disputa. Em primeiro lugar, no debate com hegelianos, Marx propõe que ideologia se refere à doutrina teórica que olha erroneamente as ideias como autônomas e eficazes, não conseguindo compreender as condições reais e as características da vida sociohistórica. Em segundo lugar, em seus estudos sobre o capitalismo, a definição de ideologia se refere a sistemas de ideias que expressam os interesses dominantes, mas representando as relações de classe de forma ilusória, o que permitiria garantir uma posição de dominação.

Outros autores marxistas rompem com esta visão crítica de ideologia. Para Lenin e Lukács, a ideologia se refere tanto às ideias das classes dominantes quanto àquelas

dominadas. Assim, existiriam ideologias burguesas ou capitalistas e aquelas proletárias ou socialistas.

Enfim, muito inspirado em Marx (mas com ajustes), Thompson propõe, na perspectiva de construção de uma teoria social instigante, definir ideologia como fenômenos simbólicos que servem para estabelecer e sustentar relações de dominação, em diferentes contextos no tempo e no espaço. Em outras palavras, trata-se de “sentidos a serviço do poder” (Thompson, 1995).

Referências

ARON, Raymond (2010), *L'opium des intellectuels*, Paris: Hachette.

BELL, Daniel (1960), *The end of ideology*. Glencoe: Free Press.

LIPSET, Seymour (1959), *Political man: the social bases of politics*, Londres: Heinemann.

SHILS, Edward (1958), "Ideology and civility", *The sewanee review*, 66, pp. 450- 480.

THOMPSON, John (1995), *Ideologia e cultura moderna*, Petrópolis: Editora Vozes.